



MORTE DE RUBENS.

COMPREENDERÃO OS NOSSOS LEITORES PERFEITAMENTE ESTE DESENHO SE RECORREREM AO CAPÍTULO 5.º DAS SCENAS HISTÓRICAS, IMPRESSAS EM O NOSSO 4.º VOL. DA 1.ª SÉRIE COM O TÍTULO — *o Pintor Rubens*; — ahi se descrevem os últimos momentos deste grande artista flamengo, e o como o seu illustre discipulo, Antonio Van-Dyck (*) apenas chegado a Antuerpia se accelerou a dar a eterna despedida ao mestre venerado, entrando ainda com os vestidos de caminhar no quarto do moribundo, e beijando-lhe a mão quasi gélida, ajoelhado ao pé do leito, com transportes de aflicção e viva saudade. Este lance pathetico e solemne mostra a gravura, e ocioso seria agora repetir a narração: tambem pouco temos que acrescentar relativo á vida de Rubens, no sobredito 4.º volume largamente delineada, já nos esboços historicos, já em as notas a pag. 269 e immediata: todavia não ommittiremos as seguintes curiosas particularidades.

Por occasião do sitio da cidadella de Antuerpia, temendo os habitantes o bombardeamento, em 1833, deram-se pressa a cubrir e resguardar com madeiras e couramas os preciosos quadros de Rubens e Van-Dyck, para que assim estivessem mais preservados de qualquer deterioração.

Rubens tinha accumulado grande quantidade de

(*) Vid. o retrato e noticia a pag. 73 deste vol.

ABRIL 8 — 1843.

riquezas, que não só o agradecimento e favor dos principes, a quem servira, lhe haviam proporcionado, como tambem os preços exorbitantes porque eram reputadas as suas pinturas. A casa de sua residencia era um palacio sumptuosamente adornado, e digno d'um potentado; ahi com frequencia recebia visitas tanto dos estrangeiros distinctos que vinham a Antuerpia, como dos governadores dos Paizes-Baixos, que o tratavam familiarmente, e dos principes a quem acontecia passar por Flandres, e que pagavam a pezo d'ouro o gosto de serem retratados por tão nomeado mestre.

Certo dia appresentou-se-lhe á porta um sujeito, que disse ser inglez e viajante, que desejava conhecer o cavalheiro Rubens, para com elle tratar assumptos de importancia; admittido á presença do dono da casa, offereceu-lhe com muito mysterio revelar-lhe o segredo da pedra philosophal, ajuntando que por ser alchimista de poucos recursos não possuia os necessarios para adquirir os ingredientes indispensaveis para obter o ultimo e grande resultado. Então Rubens, tomando-o pela mão, encaminhou-o ao quarto em que trabalhava, e lhe disse: — «Amigo, já vindes muito tarde, faz vinte annos que eu descobri esse mesmo segredo.» — «Como assim! [exclamou o outro espantado] Se nunca ouvi dizer que estudasseis chimica; e apezar de

2.ª SERIE. — VOL. II.

meus conhecimentos tenho eu gasto mais de quarenta annos para descobrir o grande achado?..» — «Vêde aqui toda a minha alchimia.. — tornou Rubens, mostrando-lhe a palheta e pinças — «com estes achei ha vinte annos o segredo de converter em ouro os barros e cinzas.»

O Bobo.

1128.

IX.

O Desafio.

O BANQUETE que poz termo ao memoravel dia do ajuntamento solemne dos barões e senhores de Portugal prolongou-se até alta noite. D. Thereza tinha ahí apparecido rodeada de todo o esplendor real. N'um estrado sobranceiro ao pavimento da sala, e debaixo de docel, formado das telas mais ricas sahidas dos teares de Jaen e de Valencia, a bella infanta viera presidir ao banquete dos seus ricos-homens. Assentada em uma cadeira, á qual o espaldar primorosamente lavrado de bestieiras e arabescos, e os braços e suppedaneo dourados davam o aspecto de um throno, a rainha de Portugal, da mesa que tinha ante si, e em que particularmente era servida, enviava ora a um ora a outro cavalleiro, notavel por sua linhagem, influencia, ou renome, alguma das iguarias mais delicadas, que rapidamente faziam succeder umas ás outras os peritos cosinheiros do paço de Guimarães, quasi todos mouros, ou servos ou libertos. Estas próvas de distincção eram sempre acompanhadas de graciosas mensagens, que lisongeavam o amor proprio dos nobres senhores. E seusado talvez fóra dizer que similhante distincção a mereciam só aquelles que no conselho, pelo seu voto ou opiniões se haviam mostrado firmes na causa da mãe contra o filho. Para aquelles que, como Gonçalo Mendez, se tinham mostrado parciais do infante, apenas lançava a rainha um olhar rapido, em que se misturava a cólera e ao mesmo tempo o desprêso, como se previsse já a hora do triumpho, e por consequencia do castigo. D. Thereza, que desde a partida de seu filho se mostrára triste, abatida, e irresoluta, parecia nesta noite reassumir toda a sua antiga energia. No seu rosto, banhado de uma alegria algum tanto forçada, conhecia-se-lhe o desejo de que lhe cressem o animo tranquillo ao approximar da procella. Dir-se-hia até que intentava fazer sobresahir a sua formosura, que os annos, os cuidados do governo, e os trabalhos das longas guerras que sustentára contra D. Urraca, e depois contra o imperador, tinham assaz desbotado, mas que ainda faziam realçar os ricos trajos que naquella dia vestira. Eram estes um epitogio de grizisco orlado de pelles mosqueadas, e apertado com um cordão entrançado de prata e seda de varias cores, uma coifa ou rede adornada de pedras preciosas que lhe retinha as longas tranças, um collar de ouro, o qual lhe cahia sobre a camiza de ranzal alvissimo, que em pregas miudas lhe vinha fechar na garganta, e um amplo manto de ciclatom vermelho, que pendente dos hombros lhe rojava pelo chão. Com este vestuario, e no porte e meneios altivos, a rainha trazia de certo modo á lembrança a nobre e magestosa figura de seu pai, o grande Affonso 6.º

A causa desta repentina mudança estava nas novas que haviam chegado poucas horas antes. A audacia do infante, a licença desenfreada com que os

seus homens d'armas assolavam as villas e honras do infantico, isto é do que constituia propriamente o apanagio de D. Thereza, as violencias que praticavam contra os villões e homens de creação desses mesmos testamentos, ou herdades, o furor com que derribavam os seus castros ou logares fortificados, e sobre tudo a intenção com que, segundo affirmavam os espias, o moço principe se acercava dos muros de Guimarães, e que eram nada menos do que lançar em prisão perpetua Fernão Peres e a propria mãe, tinham finalmente suffocado no coração desta a voz do amor materno. Quando o conde de Trava obedecendo ás ordens que lhe transmittira o capellão-mór se appresentou perante ella, os olhos de D. Thereza faiscavam de cólera e de indignação. Debalde Fernão Peres lhe ponderou os inconvenientes de arriscar a sua fortuna, e o que mais era, a liberdade ou a vida em uma batalha campal: a violencia do caracter varonil da rainha que triumphára, ao menos momentaneamente, do mais profundo affecto, o amor maternal, não podia ceder ás considerações da prudencia. Declarou que a sua resolução inabalavel era ir ao encontro dos rebeldes com os cavalleiros, bésteiros, e peões, pela maior parte estrangeiros, (1) que de continuo chegavam a Guimarães attrahidos pelos grossos censos, ou soldos que lhes offerecia o conde. Os instinctos guerreiros de D. Thereza, que os annos e os revezes haviam amortecido, despertavam de novo vigorosos na hora em que era necessario encarar face a face os perigos que até este momento ainda pareciam remotos.

Assim esta noite passava bem differente daquella em que no meio de alegre sarau só a bella infanta, mau grado seu, se mostrára triste e aborrecida. Aqui eram os cavalleiros que pareciam inquietos e desconversaveis: os dois bandos bem sabiam que não tardava o dia em que se encontrassem novamente, não na mesa do banquete, mas no campo das lides, onde o escorrer do sangue nos ferros substituiria o escumar do vinho nas taças de prata. Para elles esta festa brilhante correspondia á ceia do algoz e do sentenciado debaixo das abobadas de um carcere na vespera do supplicio. Qual era o saião? — qual a victima? Eis o que ninguem sabia.

Mas talvez nenhum gesto dava mostras, não de melancholia, mas de inquietação, como o do conde de Trava. De instante a instante elle volvia os olhos para o portal da sala d'armas, como se esperasse alguém; e de feito um logar á sua esquerda ficára vazio na esplendida mesa ao começar do banquete. Era o do novo alferes-mór. Este, desde que se apartára do conde, ninguem mais o tinha visto.

Muito havia já que era noite, e as taças, que os escanções, correndo por detraz das longas fileiras de cavalleiros eom os picheis nas mãos, enchiam de novo apenas eram esgotadas, começavam a fazer seu officio: as fronte iam-se pouco a pouco desenrugando e soltando-se as linguas. Nos banquetes daquella idade rude e feroz ás vezes o sangue corria como pospasto, e quasi sempre a conclusão do festim era uma orgia infernal, em que o convivio se tornava em scena hedionda de embriaguez. Não era raro em similhantes occasiões ver os paços dos nobres, e ainda dos reis, convertidos n'uma cousa hedionda e

(1) A denominação d'estrangeiros dada aos soldados da rainha e do conde de Trava parece na verdade impropria, sendo elles pela maior parte gallegos, leonezes &c. Todavia a historia dos godos os designa já pelo nome de *alienigenae*. Veja-se o que dissemos nos ultimos paragraphos do cap. 3.º

duvidosa entre a taberna e o prostíbulo, em que os filhos dos bem-nascidos mostravam que a distancia moral, que elles suppunham separa-los da mais vil gentilha, na realidade não existia. Se, porem, os longos e sanguinolentos homizios entre linhagem e linhagem se originavam facilmente das festas mais pacíficas, em meio das taças cheias pela mão de cordial hospitalidade, muito mais de recear era alguma rixa funesta entre homens que guardavam no coração, uns contra os outros, os mais profundos odios humanos, os odios dos bandos civis.

Estas considerações que haviam occorrido ao conde ao perceber a conversação, no princípio languida, ir-se tornando viva e vehemente; considerações em que não reparára a tempo, attento ao systema que adoptára de esconder os seus receios, e o perigo da sua situação, com as apparencias de tranquillidade, eram agora para elle motivo de serios temores. A tardança, porem, do alferes-mór, o inquietava ainda mais. A rainha não devia dar o signal para acabar o festim sem que elle soubesse com certeza se tudo estava disposto para impedir a sahida de Guimarães áquelles que a tentassem. As masmorras do castello deviam povoar-se nessa noite de todos os ricos-homens da cõrte com quem o infante contava; mas a segurança deste golpe, que iria transtornar as esperanças do moço principe, dependia inteiramente da rigorosa execução daquillo que tinha ordenado a Garcia Bermudez.

Este entrou em fim na sala, mas em vez de se dirigir ao lugar que parecia haver-lhe sido guardado, rodeando a multidão de pagens enfileirados em pé atraz de seus senhores, e passando por entre o tropel dos sergentes, escanções, uchões, e outros ovenças, que attendiam ao serviço do esplendido banquete, buscou approximar-se do conde, mas de modo tal, e collocando-se em sitio onde delle fosse visto, sem que os cavalleiros, nos quaes as amplas libações do pospasto começavam a produzir ruidosa alegria, o podessem observar: — d'alli esperou que Fernão Peres se apercebesse da sua chegada.

Como elle viera, não da sala d'armas, porem da galleria contigua, que communicava exteriormente com ambos os aposentos seguindo todos os angulos e sinuosidades daquella face do edificio, correu algum tempo antes que o conde reparasse no cavalleiro; tanto mais que a sua attenção era distrahida pelo que se passava no topo da mesa fronteiro a elle.

Era ahí que o Lidador se vira obrigado a ir assentar-se quando voltára com Fr. Hilarião de fallar ao homem do zorame: os outros logares estavam já povoados de cavalleiros, e por um acaso bem desagradavel elle se achára ao lado de Veremudo Peres, de quem no conselho recebêra injurias que retribuía com mão larga. Assim durante muito tempo conservou-se em silencio; mas o respeitavel exemplo de Fr. Hilarião, que vivia n'uma horrorosa incerteza sobre as verdadeiras dimensões da *émina*, (2) incerteza que se convertia em confusão completa ante as copas de prata d'um jantar opíparo, o haviam incitado a imitar o santo monge; e quando o banquete começou a approximar-se do seu termo, Gonçalo Mendes, com aquella philosophia e equanimidade, que inspira ás vezes o çumo da vide, parecia

arrostar alegremente com o olhar malevolo da rainha e com as demonstrações de favor que dava aos senhores seus parciaes, favores que antes eram uma injuria para aquelles que se mostravam favoraveis ás pertencções do infante, que uma recompensa da fidelidade a ella. O licór de Baccho, como diria um poeta da Arcadia, fizera, porem, mais do que isso; fizera soltar a lingua do Lidador, e, sem saber como, elle se achou involvido n'uma disputa com Veremudo Peres, a qual chamára a attenção não só dos cavalleiros que se achavam mais proximos, mas até do conde de Trava e de D. Thereza.

Foi por tal motivo que ninguem reparou na entrada do alferes-mór. O gesto carregado deste exprimia uma tristeza profunda, e o seu olhar incerto dava indicios de que lhe revoavam na alma graves cuidados. Quaes estes eram sabe-os já o leitor. Garcia Bermudez antes de correr as torres, adarves, e barbacans, e de ter disposto tudo para que nenhum dos cavalleiros que deviam assistir ao banquete podesse afastar-se do castello e do burgo, viera ter com Dulce no logar aprazado. A declaração que ella lhe fizera de que amava Egas Moniz tinham apagado no seu coração o ultimo raio de luz. Esse momento fóra terrivel, mas ao menos o seu amor desprezado podia converter-se em odio, e a sua desesperação em sêde de vingança. Entre elle e Dulce não estava a indiferença, estava outro amor — um rival, um cavalleiro da linhagem de Riba-de Douro! As suas paixões convertiam-se todas n'uma só — o odio; e por esta como que lhe resfolgava o espirito. Era esperança tenebrosa e sanguinolenta a que lhe sorria, mas, em fim, era uma esperança!

Fernão Perez tentava escutar o que se dizia na outra extremidade da mesa, quando sentiu puxarem-lhe pela orla do brial. Voltou-se: era Tructesindo. O esperto pagem tinha notado quão frequentes vezes seu tio lançára os olhos inquietos para a porta: isto lhe provára que esperava alguém, e a falta do alferes-mór, que esse alguém era elle. Attento então a vêr se o descobria no meio dos sergentes que entravam e sabiam da sala vira-o chegar. O modo porque se postára atraz dos escudeiros confirmou-lhe as suspeitas. Hesitou algum tempo, mas finalmente resolveu-se a sahir da fileira dos pagens e a chegar-se ao conde:

«Meu senhor e tio — disse o rapaz em voz baixa — vêde Garcia Bermudez que despreza o seu logar de cavalleiro: — e accrescentou — Não o faria eu, se como elle calçasse acicates dourados.»

«Por essa nova que me dêste os mereces, meu sobrinho — respondeu Fernão Peres no mesmo tom. — Te-los-has mais cedo do que o esperas, se bem desempenhares o que te vou ordenar.»

Fitára os olhos no alferes-mór: o signal que este lhe fez desopprimiu o coração do conde.

«Tructesindo — disse elle ao pagem — approximate da rainha o mais que poderes, e dize a qualquer dos seus donzeis de modo que ella te ouça: *é tempo de acabar o festim.*»

D'ahi a pouco, o mordomo da curia descendo do estrado, onde estava em pé a pouca distancia de D. Thereza, acercou-se do topo da mesa dos cavalleiros, e parando junto de Fernão Peres:

«Senhor conde de Portugal e Coimbra — disse — nobres ricos-homens destes senhorios, infanções de alem Douro e áquem Minho, cavalleiros, prestameiros e alcaides, a mui excellente rainha dos portuguezes vos roga espereis o romper da alvorada para voltardes a vossos castellos e solares. Os chefes de

(2) A *émina* é uma certa medida pela qual se devia regular a ração de vinho que tocava diariamente a cada monge segundo a regra de S. Bento. Sobre a capacidade desta medida houve grandissimas questões que, como é de suppôr, nunca os beneditinos poderam bem resolver.

linhagem, (3) que possuem paços ou bairros contados e honrados no burgo de Guimarães não recusarão guarida por uma noite aos de seu sangue: os outros serão albergados neste mesmo castello. São as ordens que recebi de minha graciosissima senhora.»

Ninguém respondeu; porque D. Thereza ergueuse immediatamente, e fazendo uma leve cortezia aos cavalleiros que se tinham posto em pé, sahio do aposento.

Este acontecimento previniu talvez algum caso funesto entre o Lidador e Veremudo Peres. A sua disputa politica tinha chegado a tal ponto, que de balde havia tentado por-lhe termo o mui pacífico abbade benedictino. A confusão, porem, que produziu na sala tanto a offerta da rainha como a sua repentina partida separou os dois contendores, a quem a colera ia brevemente fazer esquecer o logar onde se achavam.

Os senhores e cavalleiros apenas a rainha partira se haviam espalhado pela sala do banquete e pela sala d'armas. O sino de recolher ainda tardaria a soar na torre alvarran do castello, e a maior parte delles sahio pouco a pouco do paço e desapareceu pelas ruas torcidas do burgo, onde nas pousadas dos de sua ou de albeia linhagem foram no meio do jogo e da embriaguez concluir o festim subitamente interrompido. Eram os costumes do tempo.

O conde de Trava ficára. Quando viu quasi ermo o aposento, dirigiu-se para Garcia Bermudez, que entregue a distracção melancolica se encostára á balaustrada que dividia em parte o estrado da rainha do resto da sala. Chegando junto d'elle, o conde pondo-lhe a mão sobre o hombro, perguntou em voz baixa:

«Estão de feito tomadas todas as portas do burgo? Não poderá sahir cavalleiro algum?»

«Nenhum — respondeu o alferes-mór. — Os roldas e sobreroldas giram nas quadrellas das barbacans: vinte bésteiros de pé, lançados entre estas e as barreiras e junto das pontes levadiças do cárcova, vigiam exteriormente: um troço de corredores almogavares corre no campo em volta do castello e do burgo. Ardiloso e valente precisa do ser o que tentar evadir-se.»

«Excelente! — replicou o conde sorrindo com a idéa de reter em logar seguro uma parte dos seus inimigos. — Agora — proseguiu elle — diz-me ainda: o nobre alferes-mór, que em quanto nós folgavamos nas delicias de um banquete, velava por nós lá fóra como leal cavalleiro, não viu luzir no céu, por entre as trévas da noite, a sua estrella feliz?»

«A minha estrella é maldita: — respondeu o cavalleiro com aspecto carregado. — Não ha para mim luzir no céu a esperança! Felicidade? Não é no mundo que eu a hei-de encontrar!»

«Quem sabe? — tornou o conde, em cujas faces passára fugitivo sorriso — e voltando-se para Tructesindo que se conservava a alguma distancia com os olhos no chão, continuou: Vem cá, meu gentil pagem — hoje será uma noite aziaga para traidores — porque será a da justiça, mas de justiça recta e imparcial: a recompensa corresponderá aos meritos. Repete o que de relance me disseste ao começar do banquete: busquemos achar o fio desta têa infernal.»

Então o pagem narrou o que percebêra da conversação entre Gonçalo Mendez, o homem do zorame e o abbade do mosteiro de D. Muma. A sua nar-

(3) A principal pessoa de qualquer parentella. E' provavelmente esta a unica significação portugueza da palavra chefe.

ração era incompleta, mas ouvira o nome de Egas Moniz, e que este viera do campo do infante. Quem duvidaria já de que existisse uma vasta conjuração dentro do proprio recinto de Guimarães. Que outros motivos trariam alli um dos mais illustres cavalleiros da linhagem do implacavel, e manhoso aio de Affonso Henriques? Estas reflexões occorriam de tropel ao conde escutando a narração do seu pagem.

Quando este chegou a proferir o nome de Egas, um grito fugiu dos labios do alferes-mór. Fernão Peres alçando os olhos encontrou os d'elle, que pareciam faiscar. Era a colera, o ciume, a sêde da vingança? Era talvez tudo. O conde interpretou este grito e este olhar pelos proprios pensamentos.

«Tens razão, Garcia — disse elle. — Indignas-te de vêr que homens cheios de beneficios e honras pela rainha de Portugal, venham nos seus paços della urdir o trama de seus perfidos designios. Mas estão em meu poder, e nada há hi que os salve. Posso eu encontrar ainda em Guimarães o audaz cavalleiro que ousou entrar na caverna do tigre! — O algoz e o cepo sellarão com sangue a fiellamisade dos infames. Egas, não te esconderá teu disfarce! — Gonçalo Mendez, não te valerá nem a espada nem o orgulho de rico-homem! — Monge hypocrita, não te salvará tua mortalha de homem vivo: Roma o que pede é ouro, quando defende o seu rebanho de garrachas e cogullas, e a tua cabeça não a cedêra eu agora a trôco de mil aureos mouriscos.»

Assim a profunda indignação, que o conde acreditára lêr no gesto do alferes-mór, sahia como uma torrente do seu proprio coração.

Depois reflectiu um momento — e reassumiu outra vez o seu aspecto habitual de serenidade. Não fóra para vibrar vans palavras de ameaças que se approximára de Garcia Bermudez. Apoz breve pausa proseguiu gravemente, e em voz assaz alta para ser ouvido no outro extremo, onde ainda restava um pequeno grupo de cavalleiros:

«Senhor alferes-mór, esperai aqui as ordens da nossa mui excellente rainha, que tem de comunicar-vos importantes negocios. Eu voltarei a chamar-vos, quando assim lhe approuver.»

Proferidas estas palavras sahio da sala, e encaminhou-se para os aposentos interiores pela mesma porta por onde a rainha sahira.

Apenas Fernão Peres desapareceu, Garcia Bermudez travou do braço de Tructesindo, e em tom solemne disse-lhe:

«Pela minha fé juro que o pagem Tructesindo ámanhã cingirá sobre o brial a espada de cavalleiro, se cumprir o que lhe vou dizer, e se jurar tambem guardar sobre isso perpetuo silencio.

«Juro, juro! — interrompeu o donzel. Dizei depressa o que pertendeis. Seja o que fór, e venham as esporas douradas.»

Era a idéa fixa do diabolico pagem.

Garcia Bermudez arrancou violentamente uma bolça de couro dourado que, segundo a moda do tempo, lhe pendia do cinto: abriu-a; tirou de dentro um pequeno pergaminho, e entregando ao donzel uma e outra cousa continuou:

«Vai, e busca encontrar o incognito que hontem fallava a sós com Gonçalo Mendez e Fr. Hilarião. Affirmas que lhe viste o rosto: o seu nome já o sabes. Faze vigiar o mosteiro e a pousada do senhor da Maia: não poupes nem diligencias nem almorbaitinos, que essa bolça vai bem recheada. Se o descobrires entrega-lhe este pergaminho: que o mostre aos vigias e roldas, e elles o deixarão sahir da

cerca do burgo, o que sem isso lhe fôra impossivel. Em recompensa disto, dize-lhe que Garcia Bermudez exige que ámanhã, duas horas antes do sol posto, esteja com suas armas e a cavallo no soute que se dilata alem do váu do Mádroa; e que se não o fizer é desleal e covarde.»

«A cousa é difficultosa: — replicou o malicioso donzel. — E se hoje não o descobrir?

«Demonio! — respondeu o alferes-mór batendo o pé no chão de impaciencia. — Procura-o toda a noite, toda a manhã, todo o dia! É preciso que o encontres, se queres a nobre dignidade de cavalleiro. Entendes? Sem isso, em quanto Garcia Bermudez fôr alferes-mór, conta que não a obterás.»

Não havia remedio: Tructezindo agarrou na bolsa e no pergaminho. Depois atravessou vagarosamente a sala, levantando a touca pelo lado detraz com o index e coçando o toutiço. Elle tinha rasão: a empreza era difficultosa.

Garcia Bermudez cahiu então no seu habitual scismar. «Ao menos, — pensava o cavalleiro — nunca ella dirá que a minha vingança foi vil e desleal.»

D'ahi a pouco uma voz que soava da porta dos aposentos interiores veio desperta-lo dos seus devaneios. Era o conde que com aspecto risonho dizia:

«A mui excellente rainha ordena venha immediatamente perante ella o nobre alferes da hoste de Portugal.»

(Continuar-se-ha).
(A. Herculano).



D. FRANCISCA POSSOLO.

“Obra de preço faria a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis se assim como já no seu Panorama publicou o retrato de M.^{me} de Stael, para ahí trasladasse igualmente o da nossa portageza sua traductora.”

O Sr. A. F. de Castilho, em a Noticia litteraria, que precede a versão das Conversações sobre a Pluralidade dos Mundos, a pag. CXVI.

eis-ahi que temos a satisfação de appresentar a cópia, tão perfeita quanto é possivel ao buril executada-la, gravando em madeira.

Se não fossemos precedidos pelo Sr. Castilho, a singela biographia que teceassemos teria ao menos o sabor da novidade, e a valia de uma recordação e homenagem litteraria; mas como é possivel, depois de escriptor tão culto e ameno tratar o mesmo assumpto? . . . A sua lembrança nós recordou uma vida, que se por um lado, apesar de difficultades, podia solver-se, por outro nos collocava em grande apuro. Bem quizeramos em seguida ao retrato estampar a noticia litteraria, de que extrahimos a epigrapha, mas a impressão em livro separado, e a nimia extensão no-lo vedam. Apontaremos pois aos nossos leitores o livro da pluralidade dos mundos (1) vertido em vulgar; e para contentar os primeiros impulsos da curiosidade nos cingiremos a succinta narração, necessaria simplesmente para que conheçam a auctora os muitos que se tem recreado com a leitura de seus escriptos.

D. Francisca de Paula Possolo da Costa nasceu em Lisboa aos 4 de outubro de 1783 de familia pertencente á feliz mediania social, mas distincta por suas qualidades moraes. Foram seus pais Nicoláu Possolo e D. Maria do Carmo Corrêa de Magalhães. De annos tenros manifestou a sua inclinação poetica; viçosa lhe florescia a imaginação ao sahir da infancia, e comtudo apenas Cervantes, Camões, e poucos mais, eram os auctores, que conhecia: alem das diversões caseiras, a musica e o estudo da lingua franceza foram os seus entretenimentos. — A serie de annos, passada no lar domestico, é de ordinario infertil de acontecimentos memorandos; e se do varão, a quem abençoada Providencia concedeu tal sorte, nada ha que se conte á posteridade, quaesquer que sejam as suas virtudes, e talentos, que haverá que dizer de uma delicada senhora, educada no regaço materno, possuidora dos dotes qualificadores do seu sexo, e credores de respeito e estimação universal, mas que alem desses dotes só tem para titulo de gloria os escriptos que a cultura do espirito e a vivacidade do engenho produziram em suas horas de descanço, ou de melancholia?

Um casamento, segundo a propria inclinação, feliz na constancia d'elle, e a que a morte do conjuge poz funesto remate, é o maior incidente da carreira vital da nossa Francilia, como a Snr.^a Possolo, ao estilo arcadico, se appellidava em seus versos (2). A 16 de abril de 1813 ligou-a o santo vinculo do matrimonio a João Baptista Angelo da Costa, benemerito official de marinha; por dezeseis annos durou o acertado consorcio, no exercicio de amizade e ternura reciprocas, dos deveres caseiros, e de actos de particular beneficencia, em que os dois esposos foram, quanto podiam sê-lo, estreitados; até que a morte d'elle os separou pela primeira vez, como se lê no epitaphio do mausoleu de marmore, que encerra os despojos mortaes d'ambos, erecto no cemiterio occidental de Lisboa. Compreendeu o mesmo tumulo os que tão unidos haviam vivido [removidos seus corpos dos templos em que se achavam depositados] por disposição testa-

(1) A bem conhecida obra de Fontenelle. Sahiu essa traducção em Lisboa em 1841. um vol. de 3.^o precedido do discurso biographico que temos citado.

(2) Publicou um vol. intitulado *Francilia, Pastora do Tejo*, e que distribuiu gratuitamente entre as pessoas de sua intimidade.

O CONVITE, que pela imprensa nos fez tão distincto litterato, importava uma obrigação, que tinha de mais a mais a circumstancia de ser de mui agradável desempenho. Sollicitos procurámos um retrato da falecida poetisa, D. Francisca Possolo, diligencian-do que a effigie fosse inteiramente parecida; e

mentaria da Snr.^a Possolo, que terminou sua viuvez, sempre magoada e saudosa, aos 19 de junho de 1838.

Para offerecer-mos o character distincto desta amavel escriptora, contemporanea nossa, reproduziremos os delineamentos de habil pintor, com quem manteve ella constantes relações litterarias, e que muitos annos havia fóra admittido á sua estima e sincera amisade (3).

«Foram suavidade e modestia as principaes feições de sua alma; partes que rara vez se casam com aquell'outras de ingenho vivo e prompto, e de um saber maior que o vulgar: nem se arrogava mais do que lhe competia em materia de louvores, nem ainda tudo o que lhe competia, o acceitava: perante homens, se contentava de parecer mulher; entre mulheres, forcejava por se lhes igualar, encolhendo, e dissimulando com muita industria a sua propria altura. A todos ouvia com attenção e docilidade, como que de todos apprendera: comsigo discutia, e amadurecia os seus conceitos; em tempo e logar proprio, e sendo requerida, expunha-os com simplicidade; defendia-os sem pertinacia; sem cólera os deixava refutar; refutados, os depunha, mostrando no renuncia-los, e confessar-se vencida, um genero novo de victoria, mais engraçado, e honroso, que o mesmo triumpho. Havia a poesia pelo melhor de todos os males, pela mais efficaz distracção de trabalhos, e consolação de amarguras, e pela mais innocente e fructifera das ociosidades: infancia de adultos se lhe póde chamar, e com rasão; que, se ha seraphim de fogo, que possa defender a invasores e profanações o paraiso da alma, esse é a poesia, quando em paixão se chega a converter. Do affecto, que no coração lhe abundava, repartia com todos, e com tudo: debuxava em si as penas alheias para lhes acudir; imaginava depois as alegrias, dos que havia consolado, para por ellas, e dellas compôr as suas; de mingua de fantasia nasce o mais das vezes a falta de caridade.

«De virtudes, nenhuma se póde particularisar, em que excedesse, a não ser esta, de uma universal e perenne benevolencia; todas as outras, as tinha com igualdade, inteiras, e sem quebra. Baldado seria o procurar pelo muito que escreveu o minimo vestigio, quer de orgulho, quer de odio; nem menos desse odio, que sendo de todos o mais vil, passa no mundo por galantaria, e como tal se usa, o qual se disfarça com a máscara d'esperteza gracejadora ou de ingenho faceto para empolgar, e atassalhar, como por festa, aos que aborrece; ora aos máus, porque não são bons, ora aos bons, porque não são melhores, ora aos optimos, porque não são pessimos. Nunca a sua alva penna estillou fel de satyra; e com tudo em uma epistola a uma sua amiga [deveu de ser desafogo, e foi unico] se vê, que a inveja não a poupou, e que, desde que entrou ao poetico estádio, mais de uma vez lhe vieram quebrar os espiritos, e desconsola-la, os motejos, e grosseiros apodos daquelles que, ou não crêm no talento, ou pelo menos não dão ás mulheres licença, para que o tenham; ou tendo-o, para o mostrarem.»

A Snr.^a D. Francisca Possolo deixou impressas as seguintes obras, em testemunho de sua applicação e talentos: — A traducção annotada da excellente obra de M.^{mo} de Stael, *Corinna ou a Italia*; outra

(3) O Sr. Castilho, de quem tomámos a passagem que transcrevemos. Vid. citada *Notic.* pag. 109 a 112.

da *Carta do Conde de las Casas a Luciano Buonaparte*; uma novella em dois tomos que tem o merito de ser composição original, intitulada *Henriqueta d'Orleans*; e a collecção de versos que já mencionámos. Sahiu posthuma a versão do livro de Fontenelle: e ficaram inéditas duas comedias, outra novella, e numerosas poesias.— Os seus versos são harmoniosos, no gosto a que chamam classico, e pela maior parte respiram branda melancholia; as suas traducções se não brilham pelo vigor e cópia da dicção, são claras, fluentes e desempeçadas de crassos e tediosos gallicismos. Bem mereceu a nossa escriptora as flores, que em tributo á sua memoria, a litteratura, que cultivou e amou, e a amisade que soube prezar e manter, saudosas lhe despargiram sobre a campa.

ROTEIRO DA VIAGEM, QUE D. JOÃO DE CASTRO FEZ
A PRIMEIRA VEZ, QUE FOI Á INDIA,
NO ANNO DE 1538.

Dos ROTEIROS, escriptos por D. João de Castro, escaça e incompleta noticia nos deixou seu historiadador, Jacinto Freire, á qual nada, ou quasi nada accrescentou o bibliographo Barbosa. As indagações modernas teem esclarecido mais este assumpto. Assim que, são tres os Roteiros, que hoje se conhecem indubitavelmente como obra daquelle illustre capitão, e não menos insigne sabio, e escriptor.— O de Góa a Suez, por outro nome o do Mar-róxo [viagem de 1540 e 1541], cujo original foi descoberto na bibliotheca do museu britannico de Londres em 1828, e publicado em París no anno de 1833 pelo Sr. doutor Nunes de Carvalho. O de Góa a Diu [viagem de 1538 e 1539], cuja publicação está já annunciada pelos Sñrs. Kopke e Pinto Roby. O original deste Roteiro, possuido por pessoa particular na provincia do Minho, passou recentemente ao poder do Sr. Kopke. Sabemos que pertencera no seculo passado ao arcebispo Cenaculo, sendo ainda religioso da Terceira Ordem da Penitencia. No *Diario* autographo deste prelado, que se conserva na bibliotheca pública eborense, se lê, com referencia ao mez de janeiro de 1767: — «Este mez de janeiro foi fecundo em livros de estimação, porque nelle alcancei o manuscripto original de D. João de Castro, *Roteiro de Góa a Diu, &c.*» — E mais adiante, em data de julho do mesmo anno: — «No principio deste mez de julho começaram a vir entre os livros communs alguns especiaes, e por este modo, se o segundo semestre deste anno fór tão fecundo como o primeiro, ajuntarei muito bons cartapacios: pois desde 2 de janeiro de 67, entre os communs, me vieram á mão, de livros particulares, os seguintes: *Roteiro de D. João de Castro*, da sua lettra, fol. ms. &c. —» De como este codice sabbisse da mão de tão apaixonado collector destas raridades, não achámos ainda memoria entre os seus papeis. — Ultimamente o de Lisboa a Góa [em 1538], que não deixará de sahir brevemente a publico; e cujo original, porem, não foi até agora achado. O mais antigo exemplar, que d'elle se conhece, é a cópia, que pertenceu ao collegio dos jesuitas d'Evora. Esta cópia traz em dois logares a declaração de ter sido doada áquelle collegio por elrei D. Henrique, dizendo-se n'um delles: = Foi dom d'elrei D. Henrique, de gloriosa memoria, seu fundador =, e no outro: = d'elrei D. Henrique, dado ao collégio do Espirito-Santo d'Evora, sendo

ainda cardeal. — A letra de uma e outra declaração parece ser já do seculo de seiscentos. Foi também possuido depois pelo areebispo Cenaculo, que o deixou na sua rica bibliotheca eborense, aonde hoje se conserva. Assim pertenceu já este livro a dois respeitaveis prelados da igreja chorense, e por cada um delles foi doado como estimavel prenda ao estabelecimento litterario, que fundou na sua metropole. Por estes respeitos, e por ser obra desconhecida do publico, merece aqui memoria mais extensa.

O titulo da obra é o que deixámos transcripto no alto deste artigo. Tem o codice 103 folhas de papel ordinario; é escripto com boa letra, que deve ser um pouco posterior ao meado do seculo de quinhentos; opinião esta, a que somos levados por força das declarações da doação, acima mencionadas; pois se houveramos de decidir a idade da letra pela sua só inspecção, não duvidáramos affirmar que era escripta, entrado já o seculo de seiscentos. — Andaria aqui alguma pia fraude dos filhos de Santo Ignacio, substituindo este apographo com seus achques, que não tem poucos, ao verdadeiro, e talvez autographo, doado pelo cardeal? Não descobrimos rasão para tanto, nem poderá porventura ser a mesma que se deu em Alcobaça na supposta Biblia de elrei D. Affonso. — Fique esta questão por decidir por mais praticos paleographos, e eruditos diplomaticos, que nos não parece de todo inutil, ao menos em quanto não apparecer o original, e o nosso codice gozar das honras de decano. É ornado com algumas cartas, que representam as *amostras*, ou *conhecenças* das terras. Depois de conhecida a obra lhe acrescentou o auctor em notas marginaes algumas das observações, que fez na segunda vez que foi á India, no anno de 1545. Tem um *Prologo* [que melhor disseramos *Dedicatoria*] dirigido a elrei D. João 3.º, mui judicioso e erudito, como obra de tal auctor. É o seguinte (*).

Prologo. — Por me parecer que Vossa Alteza receberia em serviço dar-lhe eu conta miudamente da navegação, que fez esta sua grande e poderosa armada, me quiz dispôr a escrever estes *commentarios*, ou para fallar mais proprio, este *Roteiro*, o qual, posto que o estylo delle seja barbaro e grosseiro, e a materia, de que trata, mais que todas esteril e sêcca, dado que proveitosa, posso affirmar a Vossa Alteza que me custou grande trabalho, e que o tempo, que nelle gastei, não foi outro, salvo furtado daquelle que é obrigatorio ao somno e repouso da carne; porque d'outra maneira não ousára eu de consumir nisto, nem em outra cousa alguma, o tempo deste cargo em capitania, de que me Vossa Alteza fez mercê: mas sem embargo que o interesse desta escriptura foi alumiar esta carreira aos simplicis, e dar-lhe aviso e regras para que mais seguramente a possam passar.

Verdadeiramente, senhor, que muitas vezes me envergonho comigo quando cuido na grandeza de seu estado, e no baixo serviço que lhe apresento com esta obra, a qual não digo eu ser capaz de se pôr em suas altas e reaes mãos, mas em outras algumas de marinheiros rusticos, como não sómente carece, e é falta de feitos heroicos, e é falta de materias nobres e illustres, mas ainda de vocabulos conhecidos, e termos usados entre cortesãos, e gente polida, porque jámais se faz festa d'outra cousa, que de nomes, de ventos, e de fortunas e mudanças do mar, de alterações do ar, de apparencias

do céu, de caminhos e rodeios que faz a náu, de aves marinhas e pouco nobres; e isto ainda com ordem assaz comprida e embaraçada. E pois os que escreveram da imagem do mundo, e historia de cosmographia, tratando de gentes, terras, máres, montes, rios, promontorios e cidades, espantados de se verem entrar em materia tão ardua e difficilissima, chamam muitas vezes as musas em seu favor, e não acabam de se desculpar, dizendo não haver nesta materia eloquencia nem graça alguma: com quanta mais rasão posso eu tomar todas estas salvas, maiormente sendo notorio que não escrevo este livro para se lêr ás damas e a galantes, e se aproveitarem delle nas côrtes e paços reaes; mas os de Leça e Mattosinhos.

Ora, considerando eu como Vossa Alteza seja tão grande, que nenhum serviço se lhe pôde fazer, que seja proporcionado a sua grandeza, tomei atrevimento para lhe queimar este alecrim e defumadouros de villa, por ser bem certo que os não receberá em menos valia e preço que o muito estimado incenso de Arabia: e também não sei como se me foi mettendo em cabeça que Vossa Alteza no tempo passado favoreceu algumas obras pequenas, que sahiram de minha mão, pelo qual não sómente se contentaram os homens de lhe comerem a carne, e roerem os ossos, mas ainda de lhe tirarem os tutanos.

E por tanto ser-me-ha necessario, ó bemaventurado rei, que, ou Vossa Alteza não queira ouvir juizos contra esta obra de pessoas, que sem nenhum respeito reprehendem o que não entendem, e condemnam o que em verdade não sabem, o que sem nenhuma duvida em presença das partes não fariam; ou me dê licença para lha dedicar; porque então quem haverá no mundo tão ousado, que sabendo ser Vossa Alteza o defensor, não fique espantado. E que freio pôde haver, se este não, contra os maldizentes e roedores, os quaes haverão por premio incorrerem na infamia daquelles que combatem com os mortos, com tanto que com seus sophismas e malicias possam aniquilar meu trabalho e escurecer minha empreza. Porque como neste *Roteiro* vão escriptas muitas cousas, que parecem estranhas e impossiveis, as quaes escrevi medrosamente, não porque dellas não fosse mui certificado, mas por receio que tive de sahir da opinião commum, vendo de uma parte que escrevendo-as poria espanto nos que as lessem, e d'outra que dissimulando-as cahiria em culpa e negligencia: terão ousadia para me responderem, e mais sabendo quão mal se guarda justiça aos absentes.

Já me contentaria de ser julgado por juizes suspeitos, com tanto que fossem officiaes desta arte e officio do mar; mas receio que aconteça nisto o que ordinariamente vemos por experiencia, que na sciencia de que os homens menos sabem, e na arte em que são menos exercitados, naquellas querem praticar mais soltos, e mostrarem que são sufficientes mestres.

Apelles não sómente soffreu que um çapateiro lhe taxasse um ão sci que, que faltava a um çapato, que logo emendou; mas tornando o çapateiro a vêr a pintura, soberbo do juizo que tinha feito, querendo reprehender falta na perna da imagem, sahiu Apelles a elle, dizendo-lhe, não convem a çapateiro julgar de outra cousa que não são çapatos. Este mesmo Apelles teve ousadia de dizer ao grande Alexandre, que vinha muitas vezes folgar á sua officina, onde trabalhava, [querendo aporfiar com elle em cousas da pintura] que se calasse, que os me-

(*) Não conservámos a orthographia antiga.

ninos que estavam moendo as tintas se ririam delle. E porque neste tempo mais azinha se acharão muitos Apelles, no primor e artificio da arte, que um só na liberdade e franqueza de fallar e responder: que devo eu fazer, senão pedir soccorro a Vossa Alteza, e Vossa Alteza que menos póde fazer que tocar-me com uma sombra e mostra de seu favor.

Quem ha no mundo, que possa fazer uma sobeja benevolencia, senão elle? Pedi-la eu é muito, mas dá-la Vossa Alteza é pouco, mormente todas as vezes que lhe lembrar como tem conquistado as duas Mauritanias; como os seus estandartes despregados, e por caminhos publicos, se foram assentar no cume do monte atlantico; como os ardentes máres das duas Ethiopias são lavrados e subjugados das suas armadas; como as praias do oriente estão submettidas e sujeitas a seu imperio; como os moradores dos famosos rios, Euphrates, Indo e Ganges lhe são obediens e tributarios; como Taprobana, que os antigos criam ser outro mundo novo, reconheceu seu alto nome, e lhe paga páreas. Quem nesta machina e redondeza, onde o immenso Deus deu o imperio aos mortaes, gozou de tão gloriosos triumphos? Logo rasão será que derribado a seus pés me atreva a lhe offerecer esta obra, da maneira que um lavrador appresentou ao grande rei Artaxerxes um vaso de agua clara, por não ter outra cousa com que o servir e lhe mostrar gazalhado. Porque na verdade parece cousa formosa e justa, e sómente digna de grandes e poderosos principes, que aos dons e serviços, que lhe fazem, seja posto o preço segundo a possibilidade e animo daquelle que os appresenta, e não pela valia e reputação em que são tidos do mundo.

(Concluir-se-ha.)

J. H. da C. Rivara.

ECONOMIA DOMESTICA.

PREDICADOS D'UM FRUTEIRO.

De todos os methodos de conservação das frutas, o mais provado e o mais simples consiste em collocá-las n'um quarto, ou sótão destinado a este fim, com as seguintes condições:— que o quarto ou sótão seja situado, se poder ser, voltado ao norte, guarnecido em volta com prateleiras ou estantes de madeira, dispostas com a separação conveniente de 6 a 8 polegadas, e defendidas na borda exterior com gradinhas ou defeza de taboas de ferro quanto baste para defender da queda as frutas ahi depositas. Convem que o quarto seja vedado e defendido com boas portas e janellas, de modo que não penetre muito o ar, o qual alteraria a temperatura, e produziria bolór e podridão. Convirá igualmente que ahi não penetre a luz, e que as frutas estejam em cama macia de palha, ou feno muito sêcco, que se deve mudar quando humedecer, até para ir tirando os pómos ou frutas que começarem a deteriorar-se, para não contaminar as outras.

Colheita das frutas.

Deve escolher-se tempo enxuto, que não seja nem demasiado sêcco, nem humido, e haver cuidado em examinar não sómente as especies, mas tambem a exposição, a fim de não colhêr senão os frutos que tem chegado ao gráu sufficiente de maturação em todas as suas partes. Deverão ser despegados da arvore ou á mão, ou com um muito simples e facil instrumento bem conhecido, *cueille-fruit*, para

com aquelles a que se não póde chegar. Todo o caso consiste em evitar a maceração ou picadura dos frutos, que occasionaria a decomposição ou alteração. Devem ser depositos e conduzidos ao fruteiro com melindre, e arranjados segundo suas especies nas prateleiras d'antemão preparadas, tendo a precaução de passa-las por um panno de laã a fim de enxuga-las da sua humidade natural. Todos os pómos ou frutos que appresentarem qualquer principio d'alteração ou defeito essencial devem ser rejeitados. Dispostos assim, e ficando os mais maduros nas prateleiras inferiores, convem cobri-los com folhas de papel pardo, ou com tiras de flanela, que defendendo os frutos das moscas e da poeira, tem a propriedade de absorverem a humidade que elles largam. Não se deve entrar frequentemente no fruteiro, nem deixar penetrar corrente d'ar: convirá entretanto visita-lo de tempos a tempos para a extracção dos pómos tocados.

Supplemento aos fruteiros.

Quando não ha posses ou commodidade para construir um fruteiro regular, ou quando a abundancia é tal que este não basta, podem guardar-se e conservar-se os frutos em talhas ou em toneis pela maneira seguinte: no fim da talha ou barrica, que melhor será se fór nova e bem enxuta, se lança uma camada de farélo bem sêcco e o mais limpo de farinha que ser possa; sobre esta camada se arranja a primeira ordem da fruta que se quer guardar, tendo o cuidado de colocar o pedunculo das maçãs para baixo, e o das peras para cima; sôbre estas se põe outra camada de farélo que as cubra; e assim ir alternando umas e outras até que se encha a vasilha. Depois se tampão com boa cobertura e se depositam em lugar enxuto.

Os adoradores de Xaca.— Estes formam uma das tres principaes seitas do Japão. Vivem em commum como frades; levantam-se ao bater a meia noute para cantarem differentes hymnos; reúnem-se todas as tardes para escutar o discurso, que o seu superior lhes faz sobre algum objecto de moral, findo o qual lhes distribue varios pontos doutrinaes para meditarem. Algumas vezes lhes representa um homem nos ultimos momentos da sua vida, e lhes refere as exprobrações com que, segundo a crença, o corpo e a alma nestes derradeiros instantes reciprocamente se debellão.— A meditação dura uma hora; quando esta acaba, cada um dá conta ao superior dos pensamentos que o seu espirito concebeu, e das deliberações que tomára.

Estadistica religiosa na Austria.— Segundo uma estadistica recente da Austria e dos paizes que della dependem, comprehendidos os estados que posue na Italia, numeram-se neste imperio 25:500:000 catholicos, 3:500:000 que seguem a igreja grega, 2:900:000 da igreja não-unitaria, 1:260:000 lutheranos, 2:240:000 da igreja protestante reformada, 45:000 socinianos, e 600:000 judeus.— O numero de casas religiosas de homens ascende a 766 com 10:854 pessoas, sendo 27 ordens religiosas. Os confrades das Mercês possuem 34 casas com 542 pensionistas, os beneditinos 37 casas com 1:093 pensionistas, e os capuchos 98 casas com 1298 pensionistas. Ha 157 conventos contendo 3:661 mulheres.